

PROJECTO LIFE09 NAT/PT/000041

LIFE ILHÉUS DO PORTO SANTO

**TRAVAR A PERDA DA BIODIVERSIDADE EUROPEIA ATRAVÉS DA
RECUPERAÇÃO DE HABITATS E ESPÉCIES DOS ILHÉUS DO PORTO SANTO E
ÁREA MARINHA ENVOLVENTE**



**SERVIÇO DO PARQUE NATURAL DA MADEIRA
E SOCIEDADE PORTUGUESA PARA O ESTUDO DAS AVES**

DELIVERABLE A10

RELATÓRIO TÉCNICO

**“CARACTERIZAÇÃO E AVALIAÇÃO DOS USOS E DIFERENTES STAKEHOLDERS
DA ÁREA DE PROJECTO”**

AÇÃO A10

SETEMBRO 2011

MIGUEL MARIA DOMINGUES



ÍNDICE

- 1. Introdução**
- 2. Breve caracterização dos Ilhéus do Porto Santo**
- 3. Utilização dos Ilhéus do Porto Santo no passado**
- 4. Caracterização dos stakeholders**
- 5. Conclusões e perspectivas futuras**
- 6. Bibliografia**

1. Introdução

Identificada como uma ameaça à manutenção da biodiversidade, o impacto humano (directo e indirecto), no caso particular dos Ilhéus do Porto Santo (IPS), tem sido facilmente e infelizmente, bem quantificado, sob a forma de diminuição de efectivos populacionais de espécies de fauna e flora, e da degradação dos habitats. A utilização desregrada, o desrespeito das normas básicas de utilização dos espaços naturais, o desconhecimento dos valores naturais em causa, a exploração económica não autorizada e não sustentada desses mesmos valores, entre outras razões, levam-nos a centrar as atenções sobre os usos actuais e procurar um melhor conhecimento sobre os utilizadores.

Tendo em consideração o aumento que se tem registado na afluência aos IPS, nomeadamente ao Ilhéu da Cal e ao Ilhéu do Farol, por diferentes tipos de utilizadores, acompanhado em paralelo pela crescente procura dos mares do Porto Santo como destino de mergulho, a *Acção A10* do projecto LIFE Ilhéus do Porto Santo surge como fundamental na clarificação e identificação das diversas situações.

Assim, foram identificadas, caracterizadas e quantificadas todas as tipologias de visitantes e utilizadores, não só da parte terrestre mas também da área marinha. Para o efeito, além da análise de registos, foram efectuadas reuniões junto das autoridades marítimas, autarquia, agentes turísticos, empresas marítimo-turísticas, entre outros, no sentido da caracterização dos perfis dos actuais visitantes/utilizadores.

2. Breve caracterização dos Ilhéus do Porto Santo

Ilhéu de cima

O Ilhéu de Cima, do Farol ou dos Dragoeiros encontra-se separado da Ilha do Porto Santo pelo Boqueirão de Cima, com uma largura de 450 metros e com o fundo cheio de baixios permitindo, somente, a navegação a pequenas embarcações num estreito canal de 4,5 metros de profundidade. Tem uma área de 32 hectares, apresentando 1200 metros de comprimento e 500 metros de largura. O topo do Ilhéu fica a 121 metros de altura, na base do farol que foi erguido em 1900. É formado por várias camadas de basaltos prismáticos, escórias e cinzas as quais são o prolongamento das camadas da Ilha. O acesso ao Ilhéu faz-se pelo “Cais Lado Oeste”.

Ilhéu da Cal

O Ilhéu da Cal encontra-se separado da Ilha do Porto Santo pelo Boqueirão de Baixo, o qual tem 400 metros de largura e é navegável somente por pequenas embarcações num pequeno troço. O Ilhéu apresenta 2700 metros de comprimento e 1000 metros de largura e uma área de 139 hectares, medindo o ponto mais alto 178 metros. Este Ilhéu desempenhou um papel económico importante, dado que foi neste que se realizou a exploração da cal, uma das poucas explorações mineiras no Arquipélago da Madeira. Devido a essa exploração, as suas encostas encontram-se perfuradas por extensas galerias. No topo, existem antigas construções que serviam de abrigo aos trabalhadores da indústria da cal. O acesso ao Ilhéu faz-se pelo “Portinho Lado Este”, “Engrade Grande” e “Engrade Pequeno”.

Ilhéu de Ferro

O Ilhéu do Ferro apresenta-se sob a silhueta de um triângulo inteiramente rochoso, de arriba alta, terminada por um planalto onde ocorre a sua maior altitude, a 115 metros. A sua área é de 25,8 hectares. Encontra-se a Oeste da Ilha do Porto Santo, em frente à Ponta da Canaveira. O acesso é feito numa enseada a Sudeste, a partir de onde existe uma escadaria até ao farol, localizado no ponto mais alto. No seu lado Este localiza-se a Ponta da Chaminé, onde se pode observar um fenómeno natural em que uma furna com respiradouro pulveriza a água do mar quando há forte ondulação, assemelhando-se a um fumo branco de uma chaminé. A “Furna que Berra” é outro local interessante do Ilhéu, no lado Norte, devendo o seu nome aos sons produzidos pela rebentação das ondas do mar. O acesso ao Ilhéu faz-se pela “Escadinhas” (lado Sul).

Ilhéu das Cenouras

O Ilhéu das Cenouras fica situado a Nordeste da Ilha do Porto Santo, de onde dista cerca de 500 metros da Ponta Branca. Apresenta uma área de 4,8 hectares, uma orografia acidentada e o seu topo

fica situado a 109 metros. O acesso a este Ilhéu depende do estado do mar, sendo possível desembarcar numas rochas na parte Sul.

Ilhéu da Fonte da Areia

O Ilhéu da Fonte da Areia situa-se em frente ao sítio da Fonte com o mesmo nome, estando separado por um canal de mar, bastante profundo, com 1700 metros de largura, mas de pouca profundidade junto ao Ilhéu. Apresenta interessantes particularidades do ponto de vista geológico como é exemplo a profusão de rochas com solidificação prismática hexagonal nas suas falésias quase verticais. O desembarque faz-se pelo litoral Este, em situações de mar calmo. O seu comprimento máximo é de 250 metros e a sua largura de 150 metros. A área do Ilhéu é de 3,1 hectares e o seu topo encontra-se a uma altitude de 79 metros.

Ilhéu de Fora

O Ilhéu de Fora localiza-se a Nordeste da Ilha do Porto Santo, sendo o Ilhéu que se encontra mais afastado desta. Tem uma área de 5 hectares e apresenta uma altitude de 100 metros.

3. Utilização dos Ilhéus do Porto Santo no passado

No início da colonização (feita a partir do ano de 1420) a importância e utilização do **ilhéu de Cima** residia apenas do rendimento do gado aí deixado. Quatro séculos mais tarde, em 1834, foi apresentada pelo tenente Justiniano José Lomelino, uma proposta da exploração de salinas. Mas foi em 1900, com a instalação do farol, que o Ilhéu de Cima se tornou num lugar conhecido e visitado.

Também conhecido por muitos como o ilhéu dos dragoeiros devido à sua abundância nos tempos do descobrimento, Gaspar Frutuoso, em 1583, foi quem nos deu a primeira noção do tamanho dos dragoeiros que vegetavam no Ilhéu de Cima. Referia que atingiam tais dimensões que do tronco de apenas uma árvore faziam uma embarcação que poderia levar seis ou sete homens a pescar.

Depois da Carta Régia de 18 de Setembro de 1811, o ilhéu de Cima juntamente com o ilhéu de Baixo e o ilhéu de Ferro foram designados para pastos comuns dos gados do Porto Santo mas poucas eram as pessoas que utilizavam pelas dificuldades do mar e também pelas íngremes e difíceis subidas aos ilhéus. Entre 1820 e 1824 apenas se regista a presença de duas cabras. Em 1924, o governador Cosme Damião da Cunha Fidié, enviou um ofício ao rei onde previa que se pudesse produzir cerca de 12 moios de cereais.

Outro dos usos associados a este ilhéu foi a extracção de pedra calcária. Com ordem do Conselho de Distrito do Funchal, o Ilhéu de Cima foi aforado, por Justiniano José Lomelino, por volta de 1840, a um particular. Em 1896, Nazário Reinold pediu à Câmara do Porto Santo para continuar a lavra de uma pedreira que possuía no Ilhéu de Cima, no sítio denominado Ponta d'Água. Depois de uma larga interrupção de extracção de pedra, uma vez que os veios mais fáceis estavam esgotados, em 27 de Maio de 1922 começou a exploração de uma pedreira de pedra calcária no sítio da Pedra d'Água, no Ilhéu. A documentação consultada não nos indica quando terminaria esta extracção, mas acreditamos ter durado pouco tempo.

Em 1848, ainda havia memória da vegetação do Ilhéu de Cima. Mas o gado, a introdução dos coelhos, a tala de árvores para fabrico de lenha e tinturas e a introdução de espécies invasoras foram degradando de forma acelerada a vegetação deste ilhéu.

Relativamente ao farol, foi em 2 de Maio de 1901 que começou a funcionar com uma luz provisória, sendo do tipo catadióptrico de 5ª ordem, que permaneceu em utilização mais de 20 anos. Em 1925, em 15 de Abril foi instalado um novo aparelho, na mesma posição do anterior, colocado numa torre quadrangular de quatro metros de altura com edifício anexo, para habitação de faroleiros e depósito de material. Em Março de 1931 foi melhorado o sistema de incandescência por vapor de petróleo, acabando a reforma em 1935.

Já em Junho de 1956 o farol foi electrificado com uma lâmpada eléctrica, aumentando o alcance luminoso. Em 1956 e novamente em Fevereiro de 1971 verificam-se infiltrações de mercúrio da cuba no flutuador, tendo este sido retirado em Junho de 1982, e substituído por um equipamento rotativo monobloco. Até ao ano de 2003 os motores-geradores eram abastecidos regularmente com gasóleo.

Desde essa data e até à actualidade, o farol funciona a energia solar, sendo alimentado por painéis foto voltaicos.

Muitos foram os faroleiros que passaram pelo farol. Nos primeiros anos existiam muitas dificuldades no que respeita à vida no farol. Em 1906, o director geral da Marinha enviou ao Governador da Madeira um comunicado sobre a iluminação e a balizagem da costa do arquipélago, referindo ainda a manifesta falta de atenção para com os faroleiros e sobre as más condições que ali tinham e as muitas doenças de que padeciam. O abastecimento do farol verificava-se às quintas-feiras e aos domingos com a lancha de serviço, levando o pessoal para render os que lá trabalhavam e os mantimentos, sendo muitas vezes insuficientes segundo os faroleiros. Todo isto fazia que fossem comuns as mudanças do pessoal de serviço.

Os faroleiros tinham que registar em diário as horas em que se acendia e apagava o farol, o tempo que o mesmo permanecia aceso, o tempo da rotação do aparelho, informações sobre o petróleo consumido, o estado meteorológico da atmosfera e as condições de mar, a visibilidade das luzes ou torres dos faróis vizinhos e também as ocorrências nos serviços como a chegada do barco de serviço e as avarias que ocorriam. Depois da modificação das instalações, em 1925, os faroleiros passaram a viver por temporadas com as suas famílias. As instalações tinham capacidade para cinco famílias, sofrendo no entanto, frequentes estragos causados pelos ventos e temporais.

Paralelamente, o ilhéu da Cima tornou-se um lugar de visita para muitos curiosos que ali se deslocavam. Em Agosto de 1921 regista-se a visita de 35 pessoas e no ano 1922, a 25 de Junho, foram visitar o farol três forasteiros. Nos meses seguintes registam-se mais 30 visitas. No dia de S. João de 1925 foi feita uma procissão de barco para observar o farol e visitar aos faroleiros, convertendo-se numa tradição nos anos a seguir. A partir destas datas as visitas tornam-se frequentes, sobretudo nos meses de verão. Ainda hoje é costume um grupo de professores e funcionários do Porto Santo juntarem-se e passarem o dia 10 de Junho no ilhéu da Cima.

A exploração da pedra calcária foi uma das principais indústrias do Porto Santo. Foi no **ilhéu da Cal** onde decorreu este facto. Terá começado já no século XV, sendo no entanto muito escassos os documentos existentes (muitos dos livros que existiam foram levados pelos piratas franceses). Além disso a proibição decretada pelo Rei D. Manuel I sobre a transformação de pedra calcária na Madeira levou a que não existam registos, pese embora o facto de que muitas das construções da época terem sido feitas com cal (cuja origem provável seria o ilhéu de Baixo). Mas o primeiro documento encontrado referente à actividade é datado de 1600, referente a chegada de barcadas de cal ao Funchal. No livro *Saudades da Terra*, Gaspar Frutuoso em 1583, refere que se tratava de um ilhéu alto, composto de rochas, com “meia légua de comprido” e em cima um grande chão de terra, onde se criam muitos coelhos de diversas cores e o mato dele é o zimbro.

A exploração da pedra calcária do Ilhéu de Baixo era pertença do Capitão-donatário. Com o alvará de 1770 que extingue a capitania do Porto Santo, os direitos foram excluídos, a par de importantes reformas implementadas. A extracção de pedra calcária converteu-se então na principal actividade no ilhéu de Baixo. Em 1859, com a criação do imposto sobre cada tonelada de pedra extraída, cobrado

pela Câmara Municipal, melhoram as condições de vida dos habitantes do Porto Santo. Por essa altura chegaram a existir 17 fornos de cal, aumentando as ligações à ilha da Madeira.

As freguesias de Machico e Porto da Cruz forneciam lenha em troca de pedra calcária por volta do século XVII. Os registos da altura de 1766-1770 dizem que, Gregório José Menezes, foi o encarregado de arrecadar as pedreiras por ordem do donatário. Francisco d'Alincourt referia em 1769 que à volta da ilha do Porto Santo existiam 3 ilhéus grandes. Do ilhéu de Baixo extraía-se a pedra calcária e também cantaria que ia para Madeira.

Os barcos deslocavam-se da Madeira para o Porto Santo para carregar pedra do ilhéu de Baixo e os residentes que necessitassem ir à Madeira aproveitavam a viagem chegando em canoas até ao ilhéu.

Foram muitos os homens que trabalharam na transformação da pedra calcária: os denominados “ranchos”, os “cabouqueiros”, os “foguistas” e os “carregadores” do Ilhéu, dirigidos por um capataz em cada uma das diferentes pedreiras. Também se encontravam os barqueiros, arrais, boieiros, arrieiros e ainda os forneiros, fiscais, cobradores e até empresários, os chamados “caleiros”.

Foram quatro, os principais barcos que estiveram envolvidos, directa ou indirectamente, na extracção da cal do ilhéu: o Maria Cristina, o Arriaga, o Devoto e o Cruz Santa.

Conta-nos o historiador António Rodrigues que até meados do século XX se utilizavam explosivos de pólvora preta, pasando depois a usar a dinamite. Estes artefactos constituídos por malhos, picaretas e escopros eram preenchidos com um palmo de pólvora e dois de material argiloso. Isto ficava no interior de um buraco cilíndrico e colocavam um rastilho de uns 10 centímetros. Depois os homens avisavam de que a explosão ia acontecer gritando por três vezes as palavras “fogo” e “lava” e então os trabalhadores protegiam-se.

Os acessos eram muito difíceis e às vezes os trabalhadores desciam por cordas. Além do trabalho no interior da mina, os homens dedicavam-se ao transporte da pedra bruta até ao Calhau onde os barcos aportavam, muitas vezes descalços, criando-lhes uma espécie de calo na parte de trás do pescoço. Comia-se muito milho ao almoço, acompanhado de peixe e bastante molho, sendo servido por volta das nove horas, depois do primeiro carregamento de pedra. Às três horas fazia-se a segunda refeição combinando o mesmo que no almoço com budiões e lapas, acompanhado com bolo do caco algumas vezes.

Pouco se sabe sobre a vida quotidiana no ilhéu, mas às vezes as desgraças por falta de segurança eram inevitáveis. A falta de “paus gigantes”, que serviam de escora às pedreiras, fazia com que houvesse acidentes onde alguns homens morriam. Houve um trágico acidente no qual um rancho completo ficou soterrado no interior da mina gritando de agonia durante dias, sem que ninguém pudesse fazer nada. Também se sabe que morreram 16 homens há mais de 100 anos por falta de material de segurança. Julga-se que aí terão ficado sepultados. Depois disto, modificaram-se alguns procedimentos no sentido de aumentar a segurança nas minas.

No ano de 1900, segundo uma estatística industrial, trabalhavam no ilhéu da Cal, 41 homens e seis rapazes, uma vez que era um dos trabalhos mais bem pagos do Porto Santo. Chegando a trabalhar dia e noite, os empresários mandaram construir casas para que os trabalhadores aí pernoitassem e cujas ruínas ainda persistem nos nossos dias.

Nos anos 60, e em franco declínio, ficariam a pernoitar na ilha cerca de 8 pessoas. As minas foram trabalhadas até à década de 70. Mas com a introdução do cimento na construção a pedra calcária tinha os dias contados.

Segundo o historiador António Rodrigues, o **ilhéu de Ferro** foi apenas explorado para pastoreio. Nos séculos XV e XVII, cabras e ovelhas eram aqui deixadas a pastorear livremente no Inverno e seriam recolhidas, alguns meses mais tarde, no Verão.

Com a Carta Régia de 18 de Setembro de 1811, que criou os baldios camarários do arquipélago da Madeira, o Ilhéu de Ferro, juntamente com o Ilhéu de Baixo, e ainda o ilhéu de Cima foram designados pastos comuns dos gados do Porto Santo, substituindo os que serviam esse fim até então.

Até 1824, em nenhum destes ilhéus pastou qualquer vaca, não só pelas difíceis condições que se verificam na passagem por mar mas também pela dificuldade verificada na subida ao topo, uma vez que não existiam caminhos Simultaneamente verifica-se a inexistência de fontes de água doce. Entre 1820 e 1824 o Ilhéu de Ferro tinha apenas 16 cabras.

O farol do ilhéu de Ferro começou a funcionar a 1 de Outubro de 1959, alimentado a gás acetileno, numa estrutura de betão, tendo a sua montagem sido apoiada pelo caça-minas Santa Maria. A sua instalação exigiu que fossem construídos 278 degraus para vencerem o desnível entre o desembarcadouro e o seu local de implantação. O transporte dos materiais foi feito por helicóptero da Força Aérea. Actualmente este farol é alimentado por energia solar.

Referente aos restantes ilhéus não é muita a informação que se têm da sua história. O **ilhéu das Cenuras** recebe o nome em consequência da grande abundância da cenoura-da-rocha (*Monizia edulis*) espécie muito rara, herbácea, perene até 1 metro de altura que habita escarpas rochosas. Não são conhecidas quaisquer utilizações ou explorações neste ilhéu, excepto a prática da pesca submarina.

O **ilhéu de Fonte de Areia** situa-se em frente ao Sítio da fonte com o mesmo nome. Apresenta interessantes particularidades do ponto de vista geológico como é exemplo a profusão de rochas com solidificação prismática hexagonal nas suas falésias quase verticais. Não são conhecidas quaisquer utilizações ou explorações neste ilhéu, excepto a prática da pesca submarina.

No **ilhéu de Fora**, em tempos fez-se a extracção de sal, um dos recursos locais que nunca foi devidamente desenvolvido. É também um local importante para a ocorrência de algumas espécies de moluscos terrestres. Aparte da extracção do sal, não são conhecidas quaisquer utilizações ou explorações neste ilhéu, excepto a prática da pesca submarina.

4. Caracterização dos stakeholders

Resultado de diversas visitas e reuniões tidas com as empresas marítimo-turísticas, Câmara Municipal do Porto Santo, Capitania do Porto Santo e ainda Serviço do Parque Natural da Madeira, e após recolha de dados efectuada entre os meses de Janeiro e Agosto de 2011, foi elaborado o quadro apresentado na página seguinte.

Os utilizadores dos Ilhéus do Porto Santo, são na sua maioria portugueses, italianos, ingleses, polacos e belgas, podendo variar a nacionalidade de acordo com a época do ano e com os pacotes turísticos existentes no destino turístico “Porto Santo”.

Podem classificar-se em três grupos principais, de acordo com a tipologia de visitas:

1. O primeiro grupo realiza visitas ao ilhéu da cima, a maior parte com **objetivos educativos de valor ambiental e riqueza geológica**;
2. Um segundo grupo que realiza **actividades de mergulho na periferia dos ilhéus** de Cima, de Baixo e algumas vezes no de Ferro e,
3. O terceiro grupo, que realiza **visitas explicativas à volta dos ilhéus**, sem sair das embarcações.

Visitas no âmbito da educação ambiental

Sendo um Sítio da Rede Natura 2000, os ilhéus do Porto Santo são um dos locais mais visitados pelas escolas da ilha no âmbito das disciplinas de biologia e geologia. No caso particular deste grupo de visitas, a Empresa Municipal Porto Santo Verde, é a grande organizadora, a par do Serviço do Parque Natural da Madeira, de visitas com fins didácticos e educativos. Inseridas no protocolo de colaboração assinado ao abrigo do Projecto LIFE Ilhéus do Porto Santo, desde Setembro de 2010 que as visitas ao ilhéu de Cima têm registado um aumento significativo, com tendência a crescer, dado a implementação de diversos percursos temáticos interpretativos, neste ilhéu, a par da crescente divulgação do projecto LIFE e dos seus resultados. Simultaneamente tem-se registado um aumento de visitas por parte de grupo organizados como os escuteiros e associações com fins recreativos e educativos. Ainda, a Marinha Portuguesa, organiza visitas ao farol do ilhéu de Cima, sobretudo em dias comemorativos, abertas à população em geral. Estas visitas são complementadas com uma explicação relativa aos trabalhos em curso no âmbito do projeto Life, sendo também acompanhadas por um vigilante da natureza.

Visitas para actividades de mergulho na periferia dos ilhéus

Com carácter comercial, e como resultado de um esforço feito no sentido da promoção internacional do Porto Santo como destino turístico de natureza, têm-se registado aumentos significativos no turismo de mergulho com escafandro autónomo. Estas visitas para actividades subaquáticas verificam-se na sua maioria nos espaços inseridos na Rede de Áreas Marinhas

Protegidas do Porto Santo, tendo como locais mais procurados o recife artificial constituído pelo navio “Madeirense” e os espaços marinhos existentes ao redor dos ilhéus da Cal, de Cima e de Ferro (batimétricas entre os 20 e os 40 metros). Embora raramente se verifiquem visitas à parte terrestre dos ilhéus, os números verificados apresentam uma tendência positiva.

Visitas explicativas à volta dos ilhéus

Este tipo de visitas realizadas a bordo de embarcações de maiores dimensões, caracterizam-se pelo não desembarque das pessoas na parte terrestre dos ilhéus. Pelo que nos foi explicado, é logisticamente difícil fazer desembarcar a quantidade de pessoas que fazem o passeio (da ordem das várias dezenas). No entanto, as empresas que operam no âmbito deste tipo de visitas, não descartam no futuro a aquisição de pequenos botes de forma a realizarem os percursos temáticos interpretativos agora implementados. Representam assim um elevado potencial de visitantes, num futuro próximo.

Um quarto grupo pode ser ainda acrescentado, representado pelos habitantes da ilha do Porto Santo e também da ilha da Madeira, que esporadicamente e em pequeno número (grupos familiares), visitam o ilhéu de Cima ou do Farol. Serão, de acordo com os pedidos registados na estação de vigilância do SPMN no Porto Santo, cerca de 50 pessoas por ano. Estas visitas concentram-se sobretudo nas épocas da Páscoa e início do Verão. O objectivo principal associado a estas visitas prende-se com o desfrutar do espaço natural, a realização do picnic e o aproveitamento do espaço balnear. Desde o início do projeto que este número tem vindo a aumentar, sobretudo na páscoa e verão.

Empresa	Tipo	Nº funcionários	Actividades realizadas	Nº visitas / ano	Tempo permanência	Evolução/Previsão
Porto Santo Verde, EPE	Entidade municipal empresarial	50	<ul style="list-style-type: none"> • Actividades de educação ambiental no âmbito da geologia e da biologia • Levantamentos e identificação da flora no ilhéu de Cima 	Mais de 100 pessoas por ano	2 a 3 horas no Ilhéu de Cima	Aumento do número de visitas para as 200 pessoas por ano
Serviço do Parque Natural da Madeira	Entidade pública	90	<ul style="list-style-type: none"> • Actividades de educação ambiental 	Mais de 300 alunos por ano	2 horas	Aumento do número de visitas para as 300 pessoas por ano
Mar Dourado	Marítimo-turística	3	<ul style="list-style-type: none"> • Mergulho /Snorkel • Percursos no ilhéu da Cima • Visita explicativa na periferia das grutas do ilhéu da Cal 	Cerca de 300 pessoas por ano	2,5 horas (incluindo visita ao ilhéu de Cima)	Aumento do número de visitas em terra (ilhéu de Cima)
Porto Santo Sub	Marítimo-turística	2	<ul style="list-style-type: none"> • Mergulho no ilhéu de cima • Visita à periferia do ilhéu de Cima 	Não visita os ilhéus	Não visita os ilhéus	Não visita os ilhéus
Rhea Dive	Marítimo-turística	3	<ul style="list-style-type: none"> • Mergulho na periferia do ilhéu de Cima • Visita explicativa ao ilhéu de Cima 	Cerca de 50 pessoas por ano	45 Minutos	Complementar os passeios náuticos com visitas aos ilhéus
Rota dos Cetáceos	Marítimo-turística	6	<ul style="list-style-type: none"> • Passeios organizados, de barco, ao ilhéu de Cima, ilhéu da Cal e ilhéu de Ferro 	10.000	Não visita os ilhéus	Geoturs e bioturs sem subida aos ilhéus

5. Conclusões e perspectivas futuras

Da análise do trabalho efectuado, e da percepção tida nas entrevistas e reuniões efectuadas ao longo deste ano, verifica-se a existência de duas situações distintas: uma situação que se apurou até ao início do projeto Life Ilhéus do Porto Santo e outra situação que advém da implementação deste projeto no terreno.

Assim, verificou-se que até Setembro de 2010, as visitas e a utilização do espaço terrestre nos ilhéus acontecia de forma esporádica, e em número reduzido.

Com a implementação do projecto, o número de visitantes aumentou exponencialmente, bem como a diversidade dos mesmos.

De facto, a promoção dada ao espaço ilhéus do Porto Santo, não só no site criado para o projeto LIFE e página facebook, mas também na comunicação social regional e nacional, levou a uma procura muito acentuada deste espaço para visitaçãõ. Paralelamente, a criação de condições para a visitaçãõ organizada, pela implementaçãõ de percursos temáticos interpretativos e a colocaçãõ de painéis explicativos, bem como o acompanhamento personalizado da mesma, levou a um incremento das visitas com carácter educativo.

Os operadores marítimo-turísticos recentemente instalados na ilha do Porto Santo, são os principais promotores do espaço marinho, não só para a prática do mergulho amador, mas também, e a partir de agora, para os passeios organizados no ilhéu de Cima.

Os períodos da páscoa e os meses de verão (julho, agosto e setembro) registam uma procura crescente por parte dos turistas e veraneantes do Porto Santo. O Serviço do Parque Natural da Madeira, e desde a implementaçãõ do projeto no terreno tem promovido de forma intensa as visitas acompanhadas à área de projeto, sobretudo ao ilhéu de Cima ou do Farol.

Em conclusãõ, prevê-se um aumento considerável das visitas ao ilhéu de Cima ou do Farol, pelo que deverão ser calculadas e tidas em consideraçãõ as capacidades de carga dos percursos agora criados.

6. Bibliografia

- Anais do Município do Porto Santo, 1848.
- Azevedo A.R, 1873. “As saudades da Terra: História das ilhas do Porto Santo, Madeira, Desertas e Selvagens”.
- Eduardo C.N Pereira, 1989. “Ilhas de Zargo”. Volumen 1, 4ª edição.
- Frutuoso. G , 1968. Livro Segundo das “Saudades da terra”. Edição do instituto Cultural de Ponta Delgada.
- Gina Maria Oliveira Brito, “Micropropagação de duas Espécies Autóctones da ilha de Porto Santo (*Olea europaea* L. ssp. *maderensis* Lowe e *Juniperus Phoenicea* L.) e Estudo da Resposta de Rebentos in vitro a “Stress” Osmótico”. Universidade de Aveiro Departamento de Biologia 2000.
- Gina Maria Oliveira Brito. Tese de doutoramento “Estratégias para a valorização do coberto Vegetal da ilha de Porto Santo”. Universidade de Aveiro, Departamento de Biologia, 2009.
- Gomes de Sousa L.M, 2005. “Porto Santo, Formas de Sobrevivência”.
- J. Teixeira de Aguiar e Filipe Jorge. “Faróis da Madeira, Porto Santo, Desertas e Selvagens”.
- João Adriano Ribeiro, 1997. “Porto Santo, Aspectos da sua economia”. Câmara Municipal de Porto Santo.
- João Adriano Ribeiro. “O ilhéu da cima na ilha do Porto Santo”.
- João Baptista Pereira Silva, 2003. “Areia de Praia da ilha do Porto Santo”. Arquivo Regional de Madeira.
- João Baptista Pereira Silva. “Areia de praia da Ilha do Porto Santo; Geologia, Génese, Dinamica e Propiedades Justificativas do seu Interesse Medicinal”. Julho 2003. Biblioteca do Porto Santo.
- José Felisberto de Gouveia Almeida, Susana Maria Gouveia e Sá Ventura Fontinha, 2009. “Olhar o Porto Santo”.
- Maria Germana de Ponte Lira Telo. Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa. “Monografia sobre a ilha do Porto Santo”. Início em 12/3/1958 e término em 25/5/1959. Biblioteca do Porto Santo.
- www.geoparkportosanto.com.